

Da filiação à nobre bastardia: linhagem real do desejo

- comentando uma expressão de Lacan -

BÁRBARA GUATIMOSIM

"E quando escutar um samba-canção
Assim como 'Eu preciso aprender a ser só'
Reagir e ouvir o coração responder:
'Eu preciso aprender a só ser.'" G. Gil.

o empuxo ao ser

Na psicanálise, o sujeito, como sabemos, não é o indivíduo ou a pessoa. Esta nasce para a vida biológica, mas, inseparavelmente, para o banho da linguagem em um determinado contexto social, cultural e familiar. Verbo fazendo-se carne e carne fazendo-se verbo, em uma composição fundante. A vida incipiente do *infans* porta em potência o sujeito, que inicia sua trajetória marcado pelos desejos, gozos e ditos do meio significativo que o cerca. E desde o início de uma vida, tão destituída de ser, parece que tudo se desenvolve votado ao ser: É-se fulano de tal, menino ou menina, rico ou pobre, a cara do pai ou da mãe, etc. O que ser quando crescer? A pessoa se insere em um lugar, na linha das gerações, descendente de seus predicados e das expectativas de outrem.

São, portanto, os atributos e designações que, neste momento, colando-se à pessoa, fazem o dito ser. Evidentemente, essas operações de colagem fazem alguma coisa. Forjam o eu, bem necessário, mas constituído de capturas imaginárias que recobrem, representam e fazem um "corpo", detentor de uma identidade individual. Nesse processo, o nome do pai em corte metafórico introduz a lei, no que poderia ser uma colagem absoluta no Outro materno, na visada de ser Um todo.¹ Isso não se faz sem que seja dado, para além do imaginário da presença paterna, uma significação simbólica ao sujeito, liberando ainda um desejo real não articulável, mas que se transmite. Desejo liberado pela hiância do desejo entre a mãe e o pai e que, consequentemente, separa o filho. Hiância que não só separa os elementos em jogo,

¹ Aqui é interessante observar o que Lacan ainda precisa ao distinguir o nomear para – como um projeto materno em sua lei férrea – do dar o nome, o batismo, nomeação, implicado na função paterna. Lacan, Seminário XXI, *Les non dupes errent*, lição de 19/03/1974, inédito.

² Freud, (1916-1917) conferência XXVII, *A transferência*, p.508. No original alemão "Der geheilte Nervöse ist wirklich ein andere Mensch geworden, im Grunde ist er aber natürlich derselbe geblieben, d.h. er ist so geworden, wie er bestenfalls unter den günstigsten Bedingungen hätte werden können." Freud, *Gesammelte Werke* Ed. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, Vol. XI, 1999, p. 452. Tradução proposta por Raquel Jardim Pardini e Sérgio Becker.

³ Freud faz agir aqui um futuro do pretérito, que se aproxima do sentido do "terá sido" de um futuro anterior, (Lacan (1960), *Subversão do sujeito*, Escritos, p. 823) mas sutilmente interroga sua determinação, abrindo possibilidades. É curioso que o futuro anterior na língua portuguesa é nomeado futuro do presente composto, ou seja, futuro do presente conjugado com o passado, com um verbo partícipe do passado, entrelaçando assim, em um só tempo, futuro, presente e passado.

⁴ "- s'être [ser-se] -, no qual se exprime o modo de subjetividade absoluta, tal como Freud a descobriu em sua excentricidade radical: 'Ali onde isso era, como se pode dizer, ou ali onde se era, gostaríamos de fazer com que se ouvisse, é meu dever que eu venha a ser.'" Lacan, *A coisa freudiana*, (1955), Escritos, págs. 418-419.

⁵ Lacan (1958), *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Escritos, p. 634.

⁶ "O sujeito não identificado faz muita questão de sua unidade; seria preciso explicar-lhe, mesmo assim, que ele não é um, e é nisso que o analista pode servir para alguma coisa." Lacan, (1978) *Jornadas sobre a experiência do passe*, p. 64.

⁷ Lacan, op.cit, *A direção do tratamento*, p.642.

mas revela ainda o corte no ser de cada um; corte - que dá lugar à causa - frequentemente elidido pela cobertura imaginária das identificações que forja um "Eu".

Mas para o sujeito se apresentar em sua condição de fenda, afânise, divisão que abole uma substância e identidade plenas de ser, é preciso que se faça o levantamento das significações que supostamente o designam, das identificações imaginárias e miragens atributivas, garantias e condenações, as quais pretendem dizer o que ele é, para relançá-lo em reversão no que teria sido. Isso não deixa de evocar Freud, no que ele entende como alcance de uma análise: "*O nervoso curado realmente veio a ser um outro ser humano, embora no fundo ele permaneceu, naturalmente, o mesmo, isto é, ele veio a ser como, no melhor dos casos, sob as condições mais favoráveis, poderia vir a ser*. Isso, porém, já é muita coisa".²

Podemos ler esse condicional freudiano jogando aqui com a marca do "terá sido" lacaniano - que tanto pode cumprir-se no fecho de uma significação predestinada, como abrir-se à fenda que vaza e constitui o sujeito para a acontecência contingente. Pois o que terá sido, ainda não foi.³ E nos lembra Freud novamente, ao formular o devir ético radical: onde isso era, o sujeito deve vir a luz "como lugar de ser".⁴

A questão remete a Lacan, quanto às chamadas paixões do ser: aquilo que se demanda ao Outro preencher, sendo o que também lhe falta, são demandas de ser, em seus efeitos de amor, ódio e ignorância recrudescendo quanto mais a demanda é satisfeita.⁵ Se o sujeito, desde o início de sua existência, é votado ao ser, não faltarão demandas para responder nesse sentido. E todas as investidas do sujeito podem recair nessa afluência demandante, reduzindo a demanda mesma, a uma paixão de ser. Assim como outras, a demanda de filiação - ser filho de, ser membro de - pode também insistir patologicamente e manter-se em toda a vida do sujeito, desenhando deslocamentos, substituições e conveniências em sua trajetória, correndo sobre o leito em que subjaz a aspiração infinita de Um ser.⁶ Tal premência de Ser a qualquer preço, pode chegar a consubstancializações patéticas, como alerta Lacan: "Mas a demanda de ser uma merda, eis o que torna preferível que nos coloquemos meio de esguelha quando o sujeito se descobre nela. Desgraça do ser."⁷ Evidentemente, este comentário vem para aguilhoar os analistas que se querem cíbalos.

“Quem não sabe levar suas análises didáticas até o ponto de viragem em que se revela, tremulamente, que todas as demandas que se articularam na análise – e, mais do que qualquer outra, a que esteve em seu princípio, a de tornar-se analista, que então esgota seu prazo – não passaram de transferências destinadas a manter instaurado um desejo instável ou duvidoso em sua problemática, este nada sabe do que é preciso obter do sujeito para poder garantir a direção de uma análise, ou para simplesmente fazer nela uma interpretação com conhecimento de causa”⁸

Esta demanda infinitiva de ser visa a desincumbir o sujeito de se parar, separar, de se parir, e de fazer-se ser. Nesse tempo, Lacan definirá a ética da psicanálise, precisamente, como uma política da falta a ser, princípio prolongado na ética do desejo que, ao analista, cabe sustentar.

do pai à bastardia

Com a pluralização do nome do pai como nomes do pai ocorre o desprendimento de uma primeira referência de lei, da castração edípica à lei do enodamento das dimensões fundamentais do RSI. Ao tornar-se nome de nome de nome, três buracos articulados ao nó borromeano, o pai torna-se nome em ato, a ação nomeante, o que nomeia e enoda desde a *ex-sistência*. Esta trajetória de Lacan pelo pai, em seus últimos seminários, pode se enlaçar retroativamente a uma expressão um tanto enigmática sobre o sujeito, surgida em torno de 1958, em pelo menos dois momentos: “O seminário, livro 5, a expressão “abastardamento” está ligada à possibilidade de anulação do significante, de ser cortado, barrado, revogado e substituído e, como produto de uma ação simbólica, deixado a desejar.”⁹

No texto “A direção do tratamento”, refere-se à “nobre bastardia” como o efeito de *refenda* que inscreve a barra como apagamento do ser e instauração do dizer, advindo então o sujeito, sujeito barrado e desejante, por ser falante.¹⁰ Tomando o desejo ao pé da letra,

⁸ Lacan, idem. A farpa tem ressonâncias em todo o ensino de Lacan e mais claramente no discurso à EFP no qual Lacan comenta que o desejo do analista (como objeto a) não tem nada a ver com o desejo de ser analista, o que pode se adequar perfeitamente ao desejo de ser uma merda. Portanto é preciso submeter à análise, esse desejo de ser.

⁹ “Há no significante, portanto, em sua cadeia e em sua manobra, sua manipulação, algo que está sempre em condições de destituí-lo de sua função na linha ou na linhagem – a barra é um sinal de abastardamento – de destituí-lo como tal, em razão da função propriamente significante do que chamaremos *consideração* geral. Quer dizer que o significante tem seu lugar no dado da bateria significante, na medida em que ele constitui um certo sistema de signos disponíveis num discurso atual, concreto – e em que ele pode sempre decair da função que lhe constitui seu lugar, ser arrancado da consideração em constelação que o sistema significante institui ao ser aplicado ao mundo e ao pontuá-lo. A partir daí, ele cai da desconsideração para o *rebaixamento* [*désidération*] , onde é marcado precisamente por isso, por deixar a desejar.” Lacan, (1957-1958) *As formações do inconsciente*, p.356.

¹⁰ “(É o que simboliza a barra oblíqua, de nobre bastardia, com que assinalamos o S do sujeito, para grafá-lo como sendo esse sujeito: \$).” Lacan, *A direção do tratamento*, op.cit., p. 640.

¹¹ O texto de fundo em que se baseia Lacan na teorização da *Spaltung* do sujeito é a "Divisão (*Spaltung*) do eu no processo de defesa" de Freud.

¹² Algumas definições de bastardo: "Filho que nasceu fora do matrimônio. Degenerado da espécie a que pertence. Híbridos ou mestiços, formas resultantes de cruzamentos de duas espécies bem definidas ou, mesmo, de variedades. Tipo, espaço, etc., que não obedecem aos sistemas tipométricos usuais." Dicionário Novo Aurélio.

¹³ "O desejo, por sempre transparecer na demanda, como se vê aqui, nem por isso deixa de estar para-além. E está também para-aquém de uma outra demanda em que o sujeito, repercutindo no lugar do outro, menos apagaria sua dependência por um acordo de retorno do que fixaria o próprio ser que ele vem propor ali. Isso quer dizer que é de uma fala que suspenda a marca que o sujeito recebe de seu dito, e apenas dela, que poderia ser recebida a absolvição que o devolveria a seu desejo. Mas o desejo nada é senão a impossibilidade dessa fala, que, por responder à primeira, não consegue fazer outra coisa senão reduplicar sua marca, consumando a fenda (*Spaltung*) que o sujeito sofre por só ser sujeito na medida em que fala.", Lacan, *A direção do tratamento*, op.cit., p.640.

¹⁴ Lacan, *Radiofonia* (1970), Outros Escritos, p.425.

¹⁵ "Ao que sou eu? não há outra resposta no nível do Outro que o *deixa-te ser*. E toda precipitação dada e esta resposta, qualquer que seja ela na ordem da dignidade, criança ou adulto, não passa de *eu fujo ao sentido deste deixa-te ser*." Lacan, (1961) *A transferência*, p. 239.

na última parte do texto, Lacan se refere ao sujeito do desejo como aquele que, ao suspender o dito que o marca, o "tu és", encontra em seu próprio dizer a contundência do Outro da linguagem que o re-marca. Dessa forma, a operação não produz a absolvição do sujeito, a liberdade do desejo, mas a impressão do que o causa, fazendo aí uma dupla marca, consumação da fenda (*spaltung*)¹¹. Nessa *refenda*, um dos nomes da castração, o sujeito se constata irremediavelmente mortificado pelo significante: mais que filho do significante, mais que simplesmente dito, nomeado, vê-se aí portador do significante, de um dizer que nomeia, pai do nome. Pode ser esse um modo de ler a expressão "nobre bastardia"¹²; não como uma ilegitimidade ou degeneração, mas como real linhagem do desejo do pai enquanto *ex-sistente*. Assim, o sujeito recupera o que *terá sido* o desejo desde sempre: desejo do Outro - Outro como agente do desejo. Saudade do futuro sempre presente na experiência da causa. Filho do desejo e do significante Falo, excêntrico e não reconhecido pelo eu e sua consciência, o sujeito deseja porque fal(h)a, ao que lhe resta, "ser falante".¹³ Disso é possível concluir: os termos "sujeito" e "ser falante" são versões de uma mesma notação \$. O desejo, um alguém que cava o além da demanda de ser, entrecruzando sua tarja de estirpe enigmática, atravessa o sujeito tornando-o, nesta fenda causal, desejante. E como é preciso tempo para se "*faire à l'être*",¹⁴ em seu desejo e gozo singular - em ser sexuado, onde incide ainda e literalmente a secção - é preciso desapaixionar-se em ser, para deixar-se ser em seu fazer.¹⁵ Nessa reversão, a entrada para o final de análise e a singularidade de cada um se apresentam desde o resgate e relançamento de um tempo anterior, enunciante da constituição original do sujeito.

a escola da causa – abastardamento e adoção

No tempo da dissolução da EFP, ao invocar a Causa Freudiana, Lacan lança a Escola em uma indigência fundamental.¹⁶ Nesse corte é preciso que, como pai, ele se vá, *ex-sista*, "afim - de ser, enfim, Outro."¹⁷ Pois interessa-lhe "(...)ver o que acontece quando minha pessoa não opacifica o que ensino".¹⁸ Diante de uma Escola carregada de sentido hierárquico e religioso, Lacan passa a contar com a mola mestra do significante e do real: "A

hierarquia só se sustenta por gerir o sentido. É por isso que não dou um empurrãozinho a qualquer responsável, na Causa Freudiana. É com o turbilhão, com a hélice que conto. E, devo dizê-lo, com os recursos de doutrina acumulados em meu ensino.”¹⁹ Lacan evoca uma declarada “desidentificação” com sua Escola, como um trabalho de luto a ser feito, respondendo a F. Dolto que entendia a dissolução como auto-destruição: “Mas, felizmente para mim, eu não disse jamais que a Escola Freudiana sou eu” e ainda, “eu não me identifico em absoluto com Françoise Dolto, e muito menos com a Escola Freudiana. É isso o que me justifica precipitar-me ao trabalho para construir a Causa freudiana.”²⁰ Não por acaso, nesse momento de dissolução, tempo *d’écologie*, contrariamente à religião que crê que tudo pode ser revelado, Lacan retoma o enigma traumático da condição herdada do ser falante: O mal-entendido: “Tantos quantos vocês são, que são vocês senão mal-entendidos?”²¹ Desde antes, o legado do desejo e do balbucio dos ascendentes faz o homem nascer mal-entendido e o corpo só aparece no real como tal. “Sejamos aqui radicais: seu corpo é fruto de uma linhagem da qual boa parte de suas desgraças provém de que ela já nadava no mal-entendido o máximo que podia. Ela nadava pela simples razão de que ser-falaria (*parlêtrait*) a quem fizesse melhor.”²²

Porque a obscenidade e o desvio da verdade analítica puderam mais que a causa analítica, Lacan incita ao debate retirando-se, abastardando a Escola da Causa, ao adotá-la como sua. Tudo isso, não sem entusiasmo: “A experiência tem seu preço, pois não é algo que se imagine antecipadamente. (...) Vale a pena arriscar-se. É a única saída possível – e decente.”²³

nobres bastardos

Por prosseguir e perseverar na condição de sujeitos de nobre bastardia, alguns homens podem operar corte no saber estabelecido e avançar na feitura de algo inédito. O não esperado, seja filho ou descoberta, sofrem de uma bastardia constitutiva, enquanto sujeitos. E, nesse contexto, a nobreza adjetiva? Talvez, a linhagem milenar da condição significativa e real fundação desejante do \$, aliadas ao duro trabalho, enobrecedor, que exige a sustentação do que acontece de inesperado para, e em cada um.

¹⁶ “A causa freudiana não tem outro móvel a não ser minha caixa de correio. Indigência (*dénueement*) que tem muitas vantagens (...)”. Lacan (1980), *Senhor A.*, p.54.

¹⁷ Lacan, (1980) *O Outro falta*, p.48.

¹⁸ Lacan (1980), *O mal-entendido*, p.60.

¹⁹ Lacan, op. cit., *Senhor A.*, p.54.

²⁰ Lacan (1980), *Luz!*, p.58.

²¹ Lacan, op. cit., *O mal-entendido*, p.60.

²² Lacan, idem, p.61.

²³ Lacan, (1981) Primeira carta do Fórum. Citação extraída do site <http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque> (tradução da autora)

Um filósofo, no impacto do seu encontro com a psicanálise, não se furtou em fazer a seguinte declaração:

“Que eu saiba, no transcorrer do século XIX, duas ou três crianças nasceram, sem ser esperadas: Marx, Nietzsche, Freud. Filhos ‘naturais’, no sentido em que a natureza ofende os costumes, o honrado direito, a moral e a arte de viver: natureza é a regra violada, a mãe solteira, logo, a ausência de pai legal. A Razão Ocidental faz pagar caro a um filho sem pai (...): preço contabilizado em exclusões, condenações, injúrias, miséria, fome e mortes ou loucura.”²⁴

²⁴ Althusser, (1965) *Freud e Lacan - Marx e Freud*, págs. 51-52

Althusser comenta que Freud sofreu principalmente uma solidão teórica. A descoberta deparada em sua prática, não tinha ascendência teórica paterna. Teve de se arranjar.

“(...)ser ele mesmo, o seu próprio pai; construir, com suas mãos de artesão, o espaço teórico em que pudesse situar sua descoberta; tecer, com fios emprestados aqui e ali, por adivinhação, uma grande rede com a qual capturaria, nas profundezas da experiência cega, o peixe abundante do inconsciente (...)”²⁵

²⁵ Althusser. Idem, p.52

Althusser ao fazer um retorno a Marx, escreve isso identificado a Lacan que, em seu retorno a Freud, sofria a excomunhão, e aos homens que, em ato, sustentaram um corte epistemológico. Mas Althusser não distinguiu, no seu esforço em consertar, “fazer o pai”, em ser ele mesmo “pai do pai” que não tinha, ao não prescindir deste, que por se garantirem no pai da *ex-sistência*, para além da ascendência, diferentemente, Freud, Marx, Nietzsche e outros, se valeram da bastardia.

²⁶ “Ne pas céder parce que l’avenir dure longtemps.” Frase do General De Gaulle que inspira o título do livro póstumo de L. Althusser, onde ele “se explica” e aguarda, por sua vez, uma explicação.

Se na paixão da esperança, o “futuro dura muito tempo”²⁶, ou nunca chega, na causa que não cede e anima o desejo, chega e basta a anterioridade de um futuro, sempre relançado no presente.

referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan – Marx e Freud. Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1984.
- ALTHUSSER, Louis. O futuro dura muito tempo. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 1992.
- FREUD, Sigmund. (1916-1917), Conferências introdutórias sobre psicanálise. In.: Obras completas, Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.
- LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.
- LACAN, Jacques. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.
- LACAN, Jacques. O seminário – livro V: As formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- LACAN, Jacques. O seminário - livro VIII: A Transferência (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.
- LACAN, Jacques. O seminário – livro XXI: Les non dupes errent, lição de 19/03/1974, inédito.
- LACAN, Jacques. Seminário - *Dissolução* (1980). Documentos para uma Escola. Revista Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro: Ano I - Nº0, p.45-62.
- LACAN, Jacques. *Jornadas sobre a experiência do passe*. Documentos para uma Escola II - Lacan e o passe. Revista Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro: Nº. 0', p.63-64.1995.

resumo

O texto trabalha a filiação como uma das paixões do ser. Diferente da identidade pessoal, o sujeito se constitui marcado pelo abastardamento que a função significante impõe. É ao consentir com a barra que o atravessa e o determina como ser falante, que o sujeito se libera das significações que pretendem dizer o que ele deve ser e será. É como condenado ao efeito de desejo e de linguagem que lhe vem do Outro que, paradoxalmente, o sujeito torna-se além de nomeado, nomeante, podendo sustentar suas invenções.

palavras-chave

bastardia, sujeito, ser, pai, tempo.

abstract:

The text treats the filiation as one of the being's passions. Different from the personal identity, the subject finds himself marked by the bastardization imposed by the signifying function. As the subject consents with the bar that passes through and determine him as *parlêtre*, only then, he will free himself from the significations which intend to tell him what should he be and what should he come to be in the future. Paradoxically, it is by being doomed by the language and desire effect that comes from the Other, that the subject becomes beyond the named, the namer, being finally able to support his own inventions.

key words

bastardy, subject, to be, father, time.

recebido

12/12/2007

aprovado

15/02/2008